

habitual proveniente da teoria dos conjuntos, a noção de uma função em extensão, de acordo com a qual uma função é um objecto, no sentido em que um conjunto de  $n$ -tuplos ordenados de objectos é ele próprio um objecto.

Este género de distinção metafísica entre função e objecto espelha uma distinção de natureza lógico-linguística entre as categorias de expressões cuja referência são aquelas categorias de entidades (e há mesmo quem considere a distinção lógico-linguística como conceptualmente prioritária em relação à distinção metafísica). Assim, de um lado, expressões predicativas ou expressões cuja referência são conceitos, por exemplo, « $\xi$  detesta  $\zeta$ », são essencialmente incompletas e não saturadas; é uma característica sintáctica constitutiva de expressões dessa categoria terem um determinado número de lugares vazios, por exemplo, dois, no caso anterior, ocupáveis por um determinado número de termos singulares. Em contraste com isto, termos singulares ou expressões cuja referência são objectos, por exemplo, um nome como «Sócrates» e uma frase como «Sócrates detesta Aristóteles», são essencialmente completas e não saturadas.

Um problema sério que a distinção fregeana entre conceito e objecto tem de enfrentar e do qual Frege estava consciente (pois a dificuldade foi-lhe levantada por um seu contemporâneo, Benno Kerry), é o chamado paradoxo do conceito. Considere-se uma frase como «O conceito *cavalo* não é um conceito». Esta frase parece exprimir uma auto-inconsistência, uma vez que parece predicar de um certo conceito específico a propriedade de não ser um conceito; o estatuto da frase seria, por conseguinte, análogo ao estatuto de frases como «O cão Rover não é um cão» e «A caneta que tenho na mão não é uma caneta». Todavia, trata-se aparentemente de uma frase verdadeira à luz da doutrina de Frege acerca de conceitos e objectos. Com efeito, as três primeiras palavras da frase constituem um termo singular, um item sintacticamente completo e saturado cuja referência é necessariamente um objecto, não podendo de forma alguma referir-se a um con-

ceito (os conceitos não podem ser mencionados por *Eigennamem*). Mas, dado que nenhum objecto é um conceito, tal facto torna a predicação feita numa predicação correcta e a frase numa frase verdadeira, e não falsa. Apesar de genuína, a dificuldade está longe de ser inevitável; e diversos filósofos, entre os quais sobressai Michael Dummett (Dummett 1981: 207–227), têm proposto soluções para o problema que são consistentes com a preservação genérica da distinção fregeana entre conceito e objecto. A réplica dada pelo próprio Frege consiste, por um lado, em atribuir a dificuldade aos meios de expressão conceptualmente deficientes que caracterizam as línguas naturais, e, por outro, em chamar a atenção para o facto de as noções de conceito e objecto, em virtude de serem logicamente primitivas e indefiníveis, serem naturalmente noções vulneráveis a dificuldades. *Ver também BEDEUTUNG, EXTENSÃO/INTENSÃO, SENTIDO/REFERÊNCIA. JB*

Frege, G. 1891. Function and Concept. In P. Geach e M. Black, orgs., *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*. Oxford: Blackwell, 1960.

Frege, G. 1892. On Concept and Object. In P. Geach e M. Black, orgs., *Translations from the Philosophical Writings of Gottlob Frege*. Oxford: Blackwell, 1960.

Dummett, M. 1981. *Frege*. Londres: Duckworth.

**conclusão** *Ver* ARGUMENTO.

**concreta** (lat., objectos concretos) *Ver* ABSTRACTA.

**condição** Num uso habitual do termo, algo que pode ser satisfeito por um objecto, ou por uma sequência de objectos. Neste sentido, as condições são predicados ou frases abertas, como « $x$  está sentado» (que pode ser satisfeita por um objecto, digamos Teeteto) e « $x$  está sentado entre  $y$  e  $z$ » (que pode ser satisfeita por sequências de três objectos, digamos a sequência <Sócrates, Teeteto, Cálías>). O termo pode ser usado para abranger primariamente aquilo que é expresso ou referido por um predicado ou

## condição de adequação material

frase aberta, caso em que condições se identificam com PROPRIEDADES.

Numa acepção diferente (mas de algum modo aparentada) do termo, uma condição é simplesmente um ESTADO DE COISAS, uma situação, ou uma configuração possível do mundo. Nesse sentido, pode-se considerar que cada frase indicativa fechada  $p$  introduz uma condição  $C$ , a qual é especificada por uma certa nominalização da frase. Por exemplo, a frase «Teeteto está sentado» introduz a condição de Teeteto estar sentado, a frase «Sócrates está sentado entre Teeteto e Cálias» introduz a condição de Sócrates estar sentado entre Teeteto e Cálias e a frase «Os gregos são mortais» introduz a condição de os gregos serem mortais. A verdade ou falsidade de uma frase correspondem a verificação ou não verificação da condição ou estado de coisas associado à frase; assim, dizer que uma frase  $p$  é verdadeira, respectivamente falsa, equivale a dizer que a condição  $C$  introduzida por  $p$  se verifica (é satisfeita), respectivamente não se verifica (não é satisfeita).

As conhecidas noções de CONDIÇÃO SUFICIENTE e CONDIÇÃO NECESSÁRIA podem então ser caracterizadas do seguinte modo: Sejam  $p$  e  $q$  frases, e  $C$  e  $D$  as condições por elas (respectivamente) introduzidas. Então a condição  $C$  é uma condição suficiente da condição  $D$  se, e só se, a frase condicional material «se  $p$  então  $q$ » é verdadeira; e a condição  $C$  é uma condição necessária da condição  $D$  se, e só se, a condicional material «se  $q$  então  $p$ » é verdadeira. E noções mais fortes podem igualmente ser caracterizadas nessa base, designadamente as noções de condição metafisicamente suficiente (necessária), condição nomologicamente suficiente (necessária) e condição causalmente suficiente (necessária). Assim,  $C$  é uma condição metafisicamente suficiente (ou necessariamente suficiente) de  $D$  se, e só se, é necessário (no sentido de necessidade metafísica) que se  $p$ , então  $q$ ; e  $C$  é uma condição metafisicamente necessária (ou necessariamente necessária) de  $D$  se, e só se, é necessário (no sentido de necessidade metafísica) que se  $q$ , então  $p$ .  $C$  é uma condição nomologicamente suficiente de

$D$  se, e só se, de acordo com as leis da natureza (mas não sem elas), se  $p$ , então  $q$ ; e  $C$  é uma condição nomologicamente necessária de  $D$  se, e só se, de acordo com as leis da natureza (mas não sem elas), se  $q$ , então  $p$ . Finalmente, (admitindo uma certa análise da relação causal),  $C$  é uma condição causalmente suficiente de  $D$  se, e só se, se  $C$  ocorresse, então  $D$  ocorreria; equivalentemente,  $C$  é uma condição causalmente suficiente de  $D$  se, e só se, a frase  $p \square \rightarrow q$  é verdadeira (em que  $\square \rightarrow$  é o operador de condicional contrafactual). Finalmente,  $C$  é uma condição causalmente necessária de  $D$  se, e só se, se  $D$  ocorresse, então  $C$  ocorreria (ou, se  $C$  não ocorresse, então  $D$  não ocorreria); equivalentemente,  $C$  é uma condição causalmente necessária de  $D$  se, e só se, a frase  $q \square \rightarrow p$  é verdadeira. JB

**condição de adequação material** No seu importante trabalho sobre o conceito de verdade, Alfred Tarski introduziu duas exigências básicas que qualquer definição aceitável ou satisfatória de verdade tem necessariamente de satisfazer. As exigências em questão são a condição de adequação material e o critério de correção formal. Convém começar por recordar que, no sentido tarskiano do termo, uma definição de verdade  $D$  é uma caracterização recursiva, a qual tem a forma de uma teoria axiomatizada expressa numa certa linguagem  $ML$ , da aplicação de um predicado de verdade (por exemplo, o predicado monádico «é verdadeira») a cada uma das frases de uma linguagem dada  $L$ ;  $L$  é a linguagem objecto e  $ML$  a sua metalinguagem. A condição de adequação material (ou convenção  $V$ ) deixa-se então formular do seguinte modo: Uma definição de verdade  $D$  é materialmente adequada (ou satisfaz a convenção  $V$ ) se é possível deduzir de  $D$ , como teoremas, todas as frases bicondicionais de  $ML$  que exemplifiquem o seguinte esquema, o qual ficou conhecido como esquema  $V$ : « $s$  é verdadeira se, e só se,  $p$ ». Aqui,  $s$  é uma letra esquemática substituível por uma designação ou citação de uma frase da linguagem objecto  $L$ ; e  $p$  é uma letra esquemática substituível por